

MENEZES, M. (2013). Disputas em torno da imagem identitária de um bairro lisboeta: a invenção temática da Mouraria do século XXI. Anais do XV Encontro da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) – ENANPUR, 20 a 24 de maio de 2013, Recife, Pernambuco, Recife.

## **DISPUTAS EM TORNO DA IMAGEM IDENTITÁRIA DE UM BAIRRO LISBOETA: A INVENÇÃO TEMÁTICA DA MOURARIA DO SÉCULO XXI**

**Marluci Menezes**

Doutora em Antropologia, Investigadora do Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais (NUT), Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), LNEC.  
Av. do Brasil n.º 101, Lisboa 1700-066, [marluci@lneec.pt](mailto:marluci@lneec.pt)

### **Resumo**

A partir de certas dinâmicas que sucedem nos espaços públicos de um bairro de Lisboa de nome Mouraria, olhando em específico para as dinâmicas mais ligadas à Praça do Martim Moniz, visa-se discutir alguns aspectos da sustentação de determinadas imagens culturais e urbanas associadas à identidade do bairro. Interessa-nos, em particular, refletir sobre como a intervenção urbana tem, cada vez mais, atuado junto dos processos de construção de imagens socioculturais de uma dada realidade urbana, reivindicando, em esfera pública, de uma espécie de ordem imaginária daquilo que define a identidade do bairro.

Palavras-chave: imagens, espaço público urbano, intervenção e práticas sociais

### **1. Notas introdutórias**

Esta reflexão surge de um interesse mais amplo sobre os processos de transformação urbana, nomeadamente aqueles desencadeados por dinâmicas de intervenção, observando em específico os processos socioculturais em que ocorrem a inscrição de determinadas espacialidades urbanas no mapa social da cidade. Em particular, esta reflexão remete para um percurso pessoal de trabalho iniciado nos anos 90 e relacionado com um bairro lisboeta – Mouraria –, onde se tem refletido sobre os motivos socioculturais dos dilemas e conflitos simbólicos subjacentes ao processo de construção de imagens identitárias do bairro.

Neste sentido, mais recentemente nos chama a atenção uma espécie de “descoberta cultural” deste bairro, entretanto marcado por múltiplas dinâmicas e imagens ligadas à

tradição, cultura popular, liminaridade e perigo, multiculturalidade e multietnicidade, historicidade e património, e onde as práticas sociais no espaço público urbano (EPU) têm particular influência na configuração dessas mesmas imagens. Em particular, se destaca o atual Programa Ação Mouraria, onde a “intervenção de maior visibilidade e indutora de novos comportamentos será a requalificação do espaço público”, para discutir alguns aspectos que interferem na configuração das imagens identitárias do bairro. Isto porque, a nosso ver, esta “descoberta cultural” ecoa numa disputa, em esfera pública, por uma espécie de ordem imaginária do que afinal é a imagem identitária do bairro, refletindo imagens trazidas pelos novos (e potenciais) moradores, associações, terceiro setor, comerciantes, empresários culturais, poder público, a mídia e vozes académicas dedicadas a estudar a presente transformação local. As vozes dos moradores nem sempre ressoam com o mesmo impacte.

De modo que, tomando como cenário de reflexão o bairro da Mouraria em Lisboa, discute-se a tentativa de renovação de certos símbolos urbanos identitários, valores e representações, através do fomento de ideias como cidade plural, multicultural e/ou intercultural. O objetivo aqui é demonstrar que tais processos de reconstrução e reinvenção da imagem do bairro são também atravessados por contrariedades e desarmonias que importam conhecer, designadamente no âmbito da relação entre cidade e cidadania. Assim, em específico, discute-se certas dinâmicas que sucedem nos EPU locais – com destaque para a Praça do Martim Moniz –, aborda-se alguns aspectos da sustentação de determinados imaginários locais contemporâneos, enfatizando a importância em acompanhar os processos socio-espaciais a partir das práticas de uso e apropriação dos EPU e respectivos contra usos.

## **2. Um lugar objeto de intervenção urbana**

A par de uma crescente evolução e densificação do seu tecido edificado ao longo dos séculos, de um ponto de vista da intervenção urbana, o bairro somente sofreria ações mais concretas em meados do século XX. Isto é, entre os anos 30-60, a Mouraria tornou-se um dos bairros focos de uma política urbana assente num urbanismo difusor de uma perspectiva de *higienização* e embelezamento que pretendia renovar certas zonas da cidade. Todavia, esta política de renovação urbana vocacionada para, sobretudo, demolir os bairros populares recaiu no caso de Lisboa, essencialmente, na Mouraria (e proximidade: Praça da

MENEZES, M. (2013). Disputas em torno da imagem identitária de um bairro lisboeta: a invenção temática da Mouraria do século XXI. Anais do XV Encontro da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) – ENANPUR, 20 a 24 de maio de 2013, Recife, Pernambuco, Recife.

Figueira). Perpetrou-se, então, uma ação demolidora de toda a parte baixa do bairro e que atualmente é conhecida como Largo do Martim Moniz e onde respectivamente se situa a Praça de igual nome.

Mas, ainda que objeto de um “urbanismo civilizador” (Ferreira de Andrade, 1957:49) a Mouraria sobreviveria, embora debilitadamente, às demolidoras ações realizadas. E, em decorrência da degradação socio-urbanística dos núcleos históricos da cidade e do início de uma dinâmica de valorização do património urbano, a partir dos anos de 1980, instalou-se uma nova ideologia de intervenção urbana: a reabilitação, iniciando, assim, um novo processo de intervenção na cidade. Assim, em 1985, quando da formação de um gabinete local de reabilitação, a Mouraria viria a constituir-se como “objeto de reabilitação urbana” (Firmino da Costa e Ribeiro, 1989), no âmbito de uma política urbana, entretanto movida por ideais de reabilitação, requalificação, revitalização sociocultural, económica e urbana, e recuperação do património arquitetónico. Isto é, uma política marcadamente distinta das perspetivas de renovação urbana anteriormente adotadas.

No entanto, ainda que os princípios de intervenção se tenham alterado ao longo dos anos, a Mouraria manteve as suas inúmeras contradições e heterogeneidades. Daí que, em pleno século XXI, através do Programa de Ação Mouraria, definiu-se como sendo a “intervenção de maior visibilidade e indutora de novos comportamentos (...) a requalificação do espaço público”, havendo para efeito da dimensão social da intervenção um Plano de Desenvolvimento Comunitário (consultar: <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>). Aqui,

“ (...) o espaço público urbano e a cultura assumem um expressivo papel como motor de mudança e de criação de uma nova centralidade em Lisboa, o que parece ser uma tentativa de inversão da recorrente tendência do bairro para manter-se à margem, ainda que com tantos anos de intervenção” (Menezes, 2012).

Com este Programa espera-se a viabilizar “a divulgação da Mouraria nas rotas turísticas (...) com a criação de um Percorso Turístico-Cultural”, para o qual também contribuirá a intervenção em determinados edifícios “identificados como estruturas identitárias” (cf. <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>).

### **3. A Praça do Martim Moniz: Notas sobre a etnografia de um lugar**

O estudo antropológico realizado na Praça do Martim Moniz enquadra-se numa análise mais abrangente e relacionada com o contexto do Bairro da Mouraria em Lisboa (Menezes, 2004, 2009, 2012). Um dos objectivos desse estudo foi, pelo ângulo das reflexões múltiplas, captar como que a experiência fenomenológica do lugar participava do processo de consolidação e reconfiguração das imagens culturais e urbanas do referido bairro. A partir de uma etnografia do lugar, analisou-se as práticas de uso e apropriação dos espaços públicos do bairro. A Praça do Martim Moniz foi assim um dos contextos analisados.

Um dos pressupostos desta análise foi o de que a visibilidade dos indivíduos e das suas práticas de uso e apropriação do espaço, aliada à organização física e arquitectónica do território, é um dos principais elementos constituintes das imagens culturais e urbanas do bairro. Considerou-se ainda que a rotina quotidiana de uso e apropriação do espaço público, cria um indefinível número de atmosferas que estimulam a criação de metáforas urbanas que, projetadas como imagens, fazem parte do conhecimento que se tem do bairro como de uma determinada faceta da cidade.

A partir de uma revisitação dos dados etnográficos recolhidos e do continuado acompanhamento de determinadas dinâmicas socio-espaciais locais, observou-se a pertinência em discutir alguns dos fenómenos socio-espaciais detectados, com especial enfoque para a Praça do Martim Moniz.

O espaço público nesta área da cidade é um exemplo singular das *multipliCidades* de Lisboa: é reflexo da sua variedade física e arquitectónica – ruas pedonais, ruas de tráfego, ruas de trânsito condicionado, passeios, escadarias, pátios, vilas, becos, travessas, largos, praça, centros comerciais, estação de metro, etc. –, como da diversidade dos seus utentes (migrantes nacionais e internacionais, turistas, lisboetas ali moradores, trabalhadores e/ou meros transeuntes, etc.), práticas e atividades, implicando ainda a conjugação de uma variedade de tempos e significados.

MENEZES, M. (2013). Disputas em torno da imagem identitária de um bairro lisboeta: a invenção temática da Mouraria do século XXI. Anais do XV Encontro da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) – ENANPUR, 20 a 24 de maio de 2013, Recife, Pernambuco, Recife.

Notar que nas extremidades do núcleo do Bairro da Mouraria se encontra uma estação de metro, lojas de bijuterias e quinquilharias, armazéns e algumas actividades e indivíduos em situações liminares. Dois centros comerciais com características singulares ali se instalaram. Os espaços públicos e semi-públicos são usualmente interceptados por transeuntes relacionados com um comércio essencialmente de revenda. Entre finais dos anos 90 do século XX e a primeira metade do século XXI, a Praça do Martim Moniz tornou-se ponto de encontro de africanos, indianos e chineses, e algumas zonas exteriores foram, de forma variada, apropriada como local de dormida para os sem-abrigo. O lado público e mais visível desta zona de Lisboa fazia alusão a ideia de um jogo de espelhos, reproduzindo imagens que transitam entre a ideia de típico, popular, multicultural, multiétnico, como de Texas e até de Bronx, conforme referências citadas por entrevistados no local (Menezes, 2004).

A Praça do Martim Moniz foi inaugurada em finais de 1997, possibilitando a requalificação urbana da área há anos em situação expectante. Com a sua inauguração difundiu-se um interesse por esse novo espaço, atraindo moradores, para além de diferentes transeuntes urbanos. Contudo, com o passar do tempo verificou-se que africanos e indianos que costumavam parar em esquinas próximas do núcleo do Bairro da Mouraria, transferiram-se para uma das extremidades da praça que, assim, passou a ser um ponto de referência para estes indivíduos, sobretudo a partir do fim da manhã e com o cume ao fim da tarde, quando do fecho do comércio na zona. Todavia, ainda que a presença desses indivíduos se verificasse num espaço físico comum, os seus territórios sociais eram distintos, já que uns não se misturavam com os outros. Seguidamente, indivíduos de origem chinesa passaram a também constituir a sua própria espacialidade na praça.

Em paralelo ao aumento de uma apropriação pluricultural da praça, os moradores mais antigos ou característicos do Bairro da Mouraria, iniciaram um percurso inverso, deixando de a frequentar tão assiduamente, quase que somente recorrendo a praça em casos de

atravessamento. Essa dinâmica de desapropriação viria a agravar-se ainda mais devido a visibilidade dos sem-abrigo nas arcadas de um dos centros comerciais da zona.

Com o iniciar de 1998, a Câmara Municipal de Lisboa instalou nesta praça 44 quiosques de aço inoxidável distribuídos pelos dois lados da faixa central da praça. O objetivo desta instalação era o de revitalizar economicamente o local a partir do desenvolvimento de um comércio de retalho especializado em artigos regionais, antiguidades e artesanato. Contudo, estes quiosques obstruíram a praça, vindo a propiciar certas apropriações que insinuavam ambiguidade e perigo, já que associadas aos toxicodependentes, ao desenvolvimento de actividades ilegais, como a venda de droga e o desenvolvimento de um negócio de chamadas telefónicas fraudulentas da parte de alguns imigrantes que por ali paravam e que ficaram conhecidos na imprensa local como o *gang dos telemóveis*.

O fluente negócio dos telefones móveis trouxe consigo discussões entre os donos do negócio e os seus respectivos clientes, que normalmente não concordavam com os preços cobrados. O conjunto dessas situações desencadeou uma série de acções policiais que acabaram por agravar ainda mais a fraca ocupação dos quiosques por um comércio formal e legal.

O sentimento de insegurança local desencadeou alguns protestos por parte dos comerciantes da zona que, em 1999, enviaram uma carta de protesto ao Ministério da Administração Interna, e desencadearam abaixo-assinados denunciando a situação. O agravamento da situação desencadeou uma acção policial denominada *operação caril*, levando a detenção de imigrantes em situação irregular e de telefones portáteis. Estes sistemas de controlo deram fim ao negócio do *gang dos telemóveis*, como de algumas outras práticas marginais.

Observe-se que com o aumento das actividades marginais e que podem ser concebidas como uma espécie de lado invisível do espaço público, porquê indesejáveis, foram desencadeadas dinâmicas de controlo e de transformação das actividades da praça numa fachada visível que permitiu expor práticas, actividades e indivíduos (Low, 2000: 152). Deste modo, os comportamentos encarados como aceitáveis passaram a ser incrementados por um sistema de segurança e vigilância, que assim viabilizou uma espécie de domesticação do espaço com a eliminação da desordem, dos conflitos e da violência, como que purificando o espaço (Fyfe e Bannister: 1998).

MENEZES, M. (2013). Disputas em torno da imagem identitária de um bairro lisboeta: a invenção temática da Mouraria do século XXI. Anais do XV Encontro da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) – ENANPUR, 20 a 24 de maio de 2013, Recife, Pernambuco, Recife.

Todavia, a maioria dos quiosques existente na praça continuavam desocupados, pelo que, em 2000, a *Empresa Pública de Urbanização de Lisboa* repensou a sua estratégia para a zona, fazendo um acordo com a *Associação Comercial China Town* para que os mesmos fossem explorados pelos chineses através de um comércio de quinquilharias, artigos electrónicos e de roupas. Mas, essa tentativa também não viabilizou a dinamização do comércio na praça e, ao fim deste ano, a maioria dos quiosques foram retirados da praça, apenas restando alguns poucos, entretanto ocupados com artesanato, numismática, jornais e revistas, e o posto de segurança da praça.

Paulatinamente a praça foi se tornando um ponto de dinamização da área, verificando-se o aumento da sua frequência e apropriação, especialmente da parte de indivíduos indianos, africanos e chineses. Mas, aos poucos, verificou-se também o aumento da frequência por parte dos turistas e dos clientes do comércio de revenda e que predomina nesta zona da cidade, destacando-se de entre esses clientes os ciganos. Seguidamente a praça começou a ser frequentada também por indivíduos dos países do Leste europeu.

Se durante o período diurno dos dias úteis da semana, os momentos em que se verificava uma maior intensidade na frequência e apropriação da Praça do Martim Moniz são coincidentes com os ritmos do comércio local: fim da manhã, hora do almoço e ao fim da tarde; à noite costumam estar abertos dois dos três quiosques que funcionam como snack-bars e esplanadas. Aos fins-de-semana, ao contrário das ruas comerciais da zona, a Praça do Martim Moniz continuava a ser frequentada, sobretudo após a hora do almoço.

Muito embora se verificasse que a praça fosse frequentada por diferenciados indivíduos, é de salientar que as especificidades na apropriação do espaço que assim era demarcado e muitas vezes (re)marcado durante o dia (e também nos momentos cíclicos e rituais) com limites e fronteiras socio-simbólicas.

As situações até agora descritas podem ser consideradas como quotidianas. No entanto, no caso da Praça do Martim Moniz é recorrente também observar que quando da ocorrência de

manifestações, Carnaval e da procissão da Nossa Senhora da Saúde, tudo se transformava. Nessas circunstâncias, os territórios constituídos no dia-a-dia deixavam de existir, transformando a praça num único espaço: o do protesto ou o da festa.

Desde a inauguração da Praça do Martim Moniz houve manifestações em prol dos direitos dos trabalhadores e dos imigrantes. Estas manifestações costumam ser assinaladas nos meios de comunicação social e através de cartazes colados nas paredes que envolvem o largo. Estes tipos de ocorrência contribuíram para o processo de construção das imagens da praça, sensibilizando as distintas percepções urbanas para o problema da desigualdade social, do desemprego e de legalização dos imigrantes. Saliente-se ainda que quando da ocorrência de manifestações relacionadas com reivindicações relacionadas com motivos trabalhistas, para além de imigrantes, verificou-se a participação de moradores mais característicos do Bairro da Mouraria e zonas adjacentes. Tais situações permitiu-nos sublinhar um curioso fenómeno que parece se inscrever no mapa social da cidade: o de que a Praça do Martim Moniz se constituía como um lugar de protesto-manifesto comparativamente à outras praças da cidade.

#### **4. Da requalificação da Praça do Martim Moniz**

De volta à questão de que a “requalificação urbana do espaço público” induz “novos comportamentos” (in site da CML), interessa-nos comentar alguns aspectos relacionados com o *Programa de Ação Mouraria*.

Portanto, para efeito desta requalificação foram definidos um conjunto de “princípios estruturantes” que desdobram as linhas gerais de intervenção. Estes princípios operacionalizam-se num conjunto de operações a desenvolver no local, designadamente: o “percurso turístico-cultural”, os “espaços de lazer”, a “educação para as boas práticas de convivialidade pública” e o “corredor intercultural”, que “pretende funcionar como uma caixa-de-ressonância de valorização transversal da interculturalidade”, através de ações como: o festival multicultural “Há Mundos na Mouraria”, a promoção da gastronomia árabe e galega e da que “resulta da miscigenação étnica e cultural” e ainda ações de “carácter cultural e de transmissão de conhecimento” (in site da CML).

Observa-se ainda que a área abrangida pelo “percurso turístico-cultural” excede ainda as significações socio-simbólicas e espaciais dos limites e fronteiras do bairro conforme



MENEZES, M. (2013). Disputas em torno da imagem identitária de um bairro lisboeta: a invenção temática da Mouraria do século XXI. Anais do XV Encontro da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) – ENANPUR, 20 a 24 de maio de 2013, Recife, Pernambuco, Recife.

tradicionalmente considerado pelas populações locais (Menezes, 2004). Na verdade, com a espetacularização e amplificação das imagens de diversidade (relacionada com a multiculturalidade) e de tradição (relacionada com o fado), a imagem de bairro mal-afamado é como que ressignificada através de operações de *marketing urbano*. Estas operações veiculam imagens de maior centralidade e atratividade, reposicionando o bairro da Mouraria no mapa social da cidade. A Mouraria passa, assim, a englobar simbolicamente uma dada faceta da cidade que se pretende global, porque *diversa e cultural*<sup>ii</sup>.

No âmbito das ações até agora implementadas, por agora, destacam-se as seguintes: (1) a intervenção pontual e quase que de acupuntura urbana em micro espaços públicos locais não lineares (por exemplo: Largo da Severa); (2) a renovação de edifícios tidos como “estruturas identitárias”, prevendo-se que os mesmos se tornem espaços de lazer e/ou de apoio social (ao emprego, à juventude, etc.); (3) a intervenção em espaços públicos de maior dimensão, por exemplo: (a) calcetamento, iluminação e pedonização do Largo do Intendente – área tradicionalmente afeta a atividade da prostituição; (b) criação do “Mercado da Fusão” na Praça do Martim Moniz, um espaço público urbano cedido para exploração comercial através da requalificação/renovação de conjunto de quiosques ali existentes. Ainda relativo a estas duas últimas intervenções, destaca-se, por um lado, a atual apropriação destes territórios por ações profissionais de *promoção da cultura* através de eventos culturais. Por outro lado, em recente notícias sobre a exploração comercial da Praça do Martim Moniz, através do “Mercado de Fusão” vem referido que o que ali se pretende é que “além das marcas reconhecidas, no mercado vão entrar também pequenos negócios dos bairros envolventes e que ajudarão a divulgar as culturas que tornam a Mouraria um sítio *pleno de diversidade*”; e que nas palavras do responsável pela empresa que explorará o referido mercado: “Não é tanto a ideia do mercado do artesanato, mas de uma galeria de negócios” (in Dinheiro Vivo, 11.05.2012).

As transformações são muitas e ainda é difícil dizer o que ali se passará. É, contudo, possível considerar que alguns moradores estão satisfeitos com as transformações que ali sucedem, a par de um conjunto de vozes mais críticas que questionam a intervenção urbano-cultural que presentemente decorre naquela área da cidade, às vezes de forma excessiva. Parece-nos, contudo, de comentar mais alguns elementos.

A “policromia exuberante” e “agitadora” das ruas movimentadas dos bairros populares da cidade de que, em 1929, já nos falava Gustavo Sequeira, é um bom pretexto para falar do espaço público da Mouraria. Isto porque o espaço público do bairro é uma das facetas mais visíveis do seu quotidiano, estimulando a criação de metáforas urbanas que contribuem para a invenção de determinadas imagens do bairro, podendo evocá-lo como contexto característico, tradicional, típico, popular ou como sendo uma aldeia, ou ainda como histórico. Mas também podem denotar o espaço como sendo multiétnico ou multicultural, que está descaracterizado ou que é um espaço repleto de liminaridades, desse modo reforçando os processos de estigmatização e segregação territorial (Menezes, 2004, 2012).

A princípio, a intervenção ali prevista visa inverter o recorrente processo de estigmatização e segregação territorial. Mas, não deixa de ser interessante observar dois aspectos aparentemente contraditórios. Um primeiro é que a *vitalidade sociocultural*, conforme expressa nos espaços públicos locais, servir como recurso para a criação de uma determinada imagem de *marketing* local. Um segundo é que, esta mesma *vitalidade sociocultural* ser paradoxalmente considerada como desvitalizada, desse modo justificando a sua revitalização.

## **5. Imagens identitárias de um lugar**

A área da cidade identificada como Mouraria desenvolveu-se a partir de uma história repleta de ambiguidades e ambivalências (Menezes, 2003), onde camadas sociais insolventes conviveram com aristocratas e camadas socio-economicamente solventes, onde a degradação do edificado e a falta de condições habitacionais coexistiu com as casas apalaçadas e os edifícios nobres, onde os factos históricos que integram o bairro na história de Lisboa coexistem com um conjunto de lendas e mitos.

Dimensões que contribuíram para a construção de uma realidade social e urbana que complexificam a apreensão do bairro como contexto de intervenção, nomeadamente

MENEZES, M. (2013). Disputas em torno da imagem identitária de um bairro lisboeta: a invenção temática da Mouraria do século XXI. Anais do XV Encontro da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) – ENANPUR, 20 a 24 de maio de 2013, Recife, Pernambuco, Recife.

quando a par dos problemas sociais que ali se identificam, a zona expressa-se também por uma vibrante atividade comercial sobretudo desenvolvida, desde os anos 70 do século XX, por imigrantes; é uma área central e consideravelmente atrativa no âmbito da uma maior capacitação e desenvolvimento da cidade de Lisboa.

Recordado como *mafioso*, contado a partir das suas ruas estreitas e tortuosas, do seu casario característico, da boémia de sina fadista e triste, da sua gente pobre e miserável, a Mouraria é um bairro lisboeta que se vai construindo desde o século XVII, quando inventada como arrabalde (gueto) para os mouros que não quiseram sair da cidade quando da reconquista cristã.

Todavia, as imagens de um lado mais visível do bairro e que prevaleceram no imaginário urbano da primeira metade do século XX, viriam a justificar a promoção de um urbanismo de cunho higienista, conforme política urbana do Estado Novo e que desencadeou um conjunto de alterações sociais e urbanísticas – sobretudo entre as décadas de 30-60 do século XX – em função das demolições efetuadas, sobretudo na parte baixa do bairro.

Os anos 70 ainda foram marcados pelo ideal da renovação urbana. Todavia, a área demolida do bairro ficou a mercê de um conjunto de políticas urbanas que, a custa da não efetivação das mesmas, resultou em espaços urbanisticamente desqualificados. Em meados dos anos 80 do século XX praticamente não se tinha edificado nos espaços deixados vagos por uma destruição atroz. Mas, face à degradação do parque edificado local, em muitos casos em risco de ruína iminente ou consumada – situação ainda mais agravada pela precariedade socio-económica local e pela dificuldade de implantação de atividades que permitissem a dinamização económica e cultural da área – o bairro é, desde 1985, social e urbanisticamente, endógena e exogenamente, constituído como “objeto de reabilitação urbana” (Costa e Ribeiro, 1989; Costa, 1999).

O desenrolar do processo de reabilitação urbana viria a influenciar as atividades económicas, as redes sociais e as dinâmicas identitárias locais. Paralelamente, as imagens identitárias de

bairro tradicional e popular passaram a estar associadas às de histórico, multiétnica e multiculturalidade. Isto porquê desde os anos 70, o bairro e redondezas, passou a atrair um comércio de revenda maioritariamente controlado por imigrantes – indianos, chineses, paquistaneses, nepaleses, entre outros. Este fenómeno contribuiu para a consolidação de imagem de uma Mouraria multiétnica e multicultural. Mas, ainda assim o bairro da Mouraria não perdeu a sua conotação como contexto liminar: um lugar de pessoas, práticas, músicas, artefatos, roupas e comidas diferentes, que primam por um certo exotismo cultural; mas também por que naquelas redondezas se encontra o tráfico e o consumo de droga, os sem-abrigo, os arrumadores de automóveis, a prostituição, os imigrantes clandestinos, a venda ilegal e informal de produtos e serviços (ver Quadro 1).

## 6. Notas finais

Captar e intervir sobre a complexidade da questão urbana através da reificação da diversidade do *ser urbano* em *todos culturais* (ou *todos sociais*), pode ofuscar alguns dos seus outros tantos – diferentes e desiguais – aspectos. Podendo ainda encobrir as caleidoscópicas capacidades que as pessoas têm de combinar e conectar, descombinar e desconectar pontos, lugares, relações, pessoas e objetos. Repare-se, assim, que à diversidade cultural da Mouraria encontram-se associadas diferenças e desigualdades. Dir-se-ia ainda que à diversidade ali existente está intimamente ligada a um conjunto variado de contradições e heterogeneidades, tais como. Questões difíceis de resolver e cuja “educação para as boas práticas de convivialidade” em espaço público não resolvem.

**Quadro 1 – Algumas imagens identitárias da Mouraria**

MÁ FAMA E TIPICIDADE	COMPLICADO / CONTRADITÓRIO	MULTICULTURALIDADE / MULTIÉTNICA	CULTURAL
Vício	Insalubridade	Lenda de Martim	Culturas
Miséria	Falta de civilização	Moniz	Todos
Tempestuoso	Crime	Centro Comercial (da	Práticas antigas
Prostituição	Desordem pública	Mouraria e do Martim	Património material
Descaracterizado	Marginal	Moniz)	Património imaterial
Fado	Ilegalidades	Mistura social	Gastronomia árabe
Fadista	Gueto	Convívio multiétnico	Gastronomia galega
Bairrismo	Vale dos vencidos	Mundos	Internacional
Antigo	Texas	Mundo português	Há vida
Festas populares	Chaga Social	Espaço plural	
Marcha	Insegurança	Outros	

MENEZES, M. (2013). Disputas em torno da imagem identitária de um bairro lisboeta: a invenção temática da Mouraria do século XXI. Anais do XV Encontro da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) – ENANPUR, 20 a 24 de maio de 2013, Recife, Pernambuco, Recife.

Procissão Pitoresco (ruas e edifícios)	Prostituição Sem-abrigo Sem papeis Imigrantes Toxicodependentes / Traficantes Degradação do parque edificado Precariedade social Sujidade	Cosmopolita Outra geografia Fragrâncias e Odores Cores Paladares
---	--	--

Fonte: Menezes, 2004, 2012

A prolífera imaginação urbana – enquanto reflexão política-técnica sobre o que a “cidade deve ser” (Gorelik, 2004) – permite considerar que agora “há vida na Mouraria”<sup>iii</sup>, como se antes não houvesse. Em parte isto poderá se justificar no âmbito de uma tentativa de criação de uma nova centralidade urbana, deste modo potenciando a apropriação do bairro por uma sociedade mais ampla, aspecto importante na inversão de dinâmicas de segregação e estigmatização socio-espacial. Cabe, entretanto, estar atento com a possibilidade de “alteração de comportamentos” através da requalificação em espaço público, poder vir a significar uma alteração de pessoas. O que, em outra perspectiva, poderá não contribuir para a inversão de conjunturas sociais e económicas ciclicamente adversas e que tanto contribuíram para que a Mouraria ficasse conhecida como o “primo pobre” dos outros bairros populares de Lisboa. Como referido por Kara José (207: 257), importa estar atento ao facto de que as intervenções urbano-culturais buscam uma “certa atmosfera de sofisticação cultural” que alteram de modo expressivo: “(...) a imagem de áreas anteriormente *escondidas* por usos considerados menos nobres, como comércio e habitação popular. A outra face da mesma moeda é velar com esta atmosfera a troca programada de grupos sociais. A revitalização ou requalificação do espaço público assume então significados supostamente diferentes, mas complementares. Se por um lado aparece em discursos imbuídos com a ideia de modernização do espaço público e valorização cultural, por outro lado, significa a exclusão daqueles que contribuem para a degradação da imagem que se

deseja criar, sem direito a negociações. E a cultura, utilizada como instrumento de revalorização simbólica, aparece neste processo com funções de harmonização e integração social, eliminando do seu horizonte especificamente o conflito, a desarmonia e a segmentação”.

Aqui o cuidado a ter com uma “indústria do imaginário”, onde a cultura insurge-se contra os conflitos e a segregação, promovendo uma cidadania contemplativa e politicamente esvaziada (Lacarrieu et al., 2006). O que permite considerar a importância em recuperar o papel da cultura no âmbito da relação entre património, cidadania, políticas de intervenção e cidade. Realça-se, assim, a necessidade de uma maior atenção à especificidade das tramas culturais envolvidas com os processos e com os contextos alvos da intervenção. Não menos importante será dizer que a intervenção urbana deve considerar como prioritário a resolução “das questões que interessam às pessoas a quem a área diz diretamente respeito – os seus interesses legítimos, problemas, capacidade, relações sociais e valores próprios, dificuldades de realização do quotidiano, exigências de qualidade e de apropriação dos espaços de vida, necessidade de informação, sociabilidade e de progresso económico – e na aplicação dos seus recursos, iniciativas e capacidades de organização e realização” (Valente Pereira, 1987).

## 7. Bibliografia

ANDRADE, Ferreira. *Lisboa das Sete Colinas*. Lisboa, 1957.

ARANTES, Otília. “Cultura da Cidade: Animação sem Frase”. *Revista do Património Histórico e Artístico Nacional*, n.º 24, IPHAN/Ministério da Cultura, Brasília, 1996, pp. 229-240.

COSTA, A. Firmino da, RIBEIRO, Manuel João. A construção social de um objecto de reabilitação. *Sociedade e Território*, n.ºs 10-11, 1989, pp. 85-95.

COSTA, A. Firmino da. *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora, 1999.

Dinheiro Vivo, 11.05.2012.

FYFE, Nicholas R; BANNISTER, John. The eyes upon the street»: closed-circuit television surveillance and the city. In: FYFE, Nicholas R. (ed.), *Images of the Street – Planning, Identity and Control in Public Space*; London: Routledge, 1998, p. 254-267.

GORELIK, Adrián. Imaginarios urbanos e imaginación urbana. Para un recorrido por los lugares comunes de los estudios culturales urbanos. *Bifurcaciones* [en línea] 2004: [data de consulta: 29 de junho de 2012] Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=55800101>> ISSN

MENEZES, M. (2013). Disputas em torno da imagem identitária de um bairro lisboeta: a invenção temática da Mouraria do século XXI. Anais do XV Encontro da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) – ENANPUR, 20 a 24 de maio de 2013, Recife, Pernambuco, Recife.

KARA JOSÉ, Beatriz. *Políticas Culturais e Negócios Urbanos. A Instrumentalização da Cultura na Revitalização do Centro de São Paulo – 1975-2000*. São Paulo: Annablume Editora, 2007.

LACARRIEU, Monica; CARMAN, Maria; GIROLA, Florencia. Procesos de transformación urbana en lugares centrales y periféricos del área metropolitana de Buenos Aires: ganó el urbanismo escenográfico?”. In FRUGÓLI Jr., Heitor; ANDRADE, T. *A Cidade e seus Agentes: Práticas e Representações*. Belo Horizonte / São Paulo: PUC Minas, 2006, pp. 98-127.

LOW, Setha M. “Cultura in the modern city: the microgeographies of gender, class, and generation in the Costa Rican plaza”. In *Horizontes Antropológicos*; n.º 13, Ano 6, Porto Alegre, 2000, pp. 31-64.

MAS, Abel Albet. “La cultura en las Estratégias de Transformación Social Urbanística de las Ciudades. Barcelona, del Modelo al Espectáculo. In *Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 9, Lisboa, CET, ISCTE, 2004, pp. 15-25.

MENEZES, Marlucci. A Praça do Martim Moniz: Etnografando Lógicas Socioculturais de Inscrição da Praça no Mapa Social de Lisboa, in *Horizontes Antropológicos*, n.º 32, 2009, 301-328.

MENEZES, Marlucci. Debatendo mitos, representações e convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* (Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural), 2012, pág. 69-95

MENEZES, Marlucci. *Mouraria, Retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*. Oeiras, Celta Editora, 2004.

MUÑOS, Francesc. UrBANALización – En el Zoco Global de las Imágenes Urbanas. In *Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 9, CET / ISCTE: Lisboa, 2004, pp. 27-38.

SEQUEIRA, G. Matos. Os bairros antigos e a comédia das ruas. In *Portugal – Lisboa*, Exposição Portuguesa em Sevilha, Lisboa, CML, 1929.

VALENTE PEREIRA, Maria da Luz. *Reabilitar o Urbano ou como Restituir a Cidade à Estima Pública*. Lx: LNEC, ITE 16, 1987.

#### Sites

Câmara Municipal de Lisboa: < <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=661>>. Acesso em: 15 abril de 2013.

Há vida na Mouraria: <http://www.facebook.com/pages/H%C3%A1-vida-na-Mouraria/250434398328678> . Acesso em: 15 abril de 2013.

- 
- <sup>i</sup> Telefone portátil (celular).
- <sup>ii</sup> Como refere Muños (2004: 27), estas dinâmicas de intervenção tendem a promover a “urbanização” do território, já que inferem o “triunfo absoluto do comum” por contraposição à minimização da presença da complexidade e das diferenças. Por seu lado, Albet i Mas (2004: 23) ao refletir sobre o exemplo de Barcelona, considera que “a aparente aposta numa cidade multicultural que não deixa de ser senão uma imagem funcional para evitar o conflito e banalizar as diferenças”. E que, como há tempos referido por Arantes (1996: 240), o que parece verificar-se é que “a ideologia do Plano” vem sendo substituída “por outra não menos integrada – a ideologia da diversidade –, em que os conflitos são maquiados por uma espécie de estetização do heterogéneo”.
- <sup>iii</sup> Sites: (1) Há vida na Mouraria: <http://www.facebook.com/pages/H%C3%A1-vida-na-Mouraria/250434398328678>; (2) CML – Câmara Municipal de Lisboa: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=661>.